

Vol. 10
Num. 19

- Resa.
- Jandira.
- Duas irmãs.
- Formação.
- Mulher em três tempos.
- Moral do Isão.
- Dilação da Poesia.
- Solidariedade.
- Pre-história.
- Wolfgang Amadeu Mozart.
- Armilavda.
- Aerograma.
- Remover nuvens.
- Acropoema.
- O observador marítimo.
- Carta marítima.
- O poeta marítimo.
- Anonimato.
- Fogo fátuo (as-simile de autógrafo).

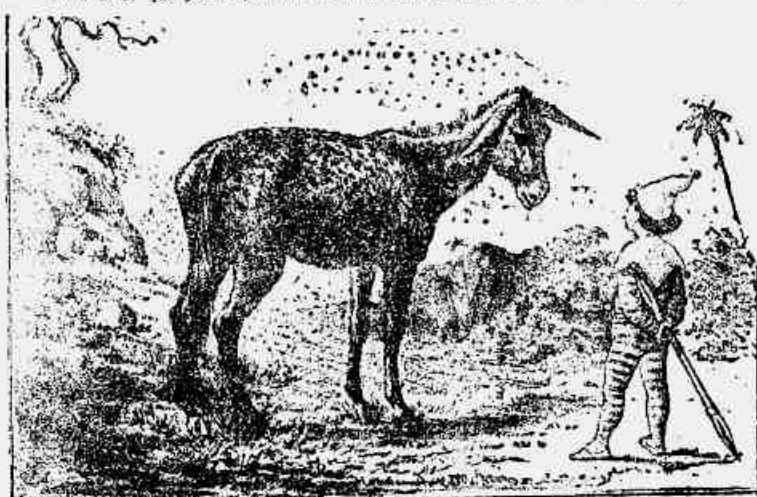
Galeria de políticos e homens de letras -- (Segundo o lapis de Angelo Agostini)



Da Revista Ilustrada (28-7-1927), acompanhada da seguinte legenda: "Primeira vez que aconselha-se a S. A. o Sr. Coutinho, quando tiver de visitar escolas. Se S. A. imitasse o seu Augusto e Imperial Sogro, não teria nunca ocasião de contestar falsa história."



Da Revista Ilustrada de 21 de Agosto de 1930. — Legenda: — Ali está o Coutinho dar o sermão. Olhem direito! Que grande pandeiro! O Sr. de Coutinho faz nos lembrar o diabo feito padre!



Da Revista Ilustrada (26-3-1927) atrevida ao domínio do Partido Governador. A legenda é bem conhecida: "Oh! Sr. burro, porque não comes com a comida estas moedas que estão a chupar-te o sangue? — Mas não comas em; elas já estão cheias, e se as comas tens outras capangas e é pior..."



Coutinho e Silveira da Mota
Revista Ilustrada — 30-9-1927



O Imperador Pedro II, em sua segunda visita a São Paulo, do governo — Revista Ilustrada — 19-8-1927



Conselho de Estado — Revista Ilustrada — 20-10-1927



Entrada de Arago, diretor da Caixa de Pensões — Revista Ilustrada — 28-7-1927



Política da Câmara — Revista Ilustrada — 23-10-1927



Harriet Quimper (Revista Ilustrada — 29-12-1927)



Rodrigues Dantas



O ministro da Agricultura, Rodrigues Silveira, está a fazer mais de trabalho. Por isso, Coutinho assiste ao trabalho, e não classifica como dezoito (Revista Ilustrada)

Galeria de políticos e homens de letras -- (Segundo o lapis de Angelo Agostini)



Carlos e Zaveria, numa discussão, no Senado (Revista Illustrada, 5-5)



O Visconde de Mauá (Revista Illustrada — 26-5-1877)



Pedro Luiz, ministro da Guerra (Revista Illustrada — 10-7-1880)

O LAPIS DA ABOLIÇÃO -- BRICIO FILHO

(Continuação da pág. 240)

de todos, primeiro de Carlos, em discussão com grande de eloquência, disse que a pedra de lapidação da "Revista Illustrada" era a pedra para a abolição da liberdade. Comprou-se, portanto, tudo ao outro luto, e escondeu-se a pedra por muito ex-

perimentada ao saber que, no Conselho Municipal, o ilustre doutor Paulo Lúcio, em gesto reclamante de honra, pediu de propal, com penal aprovação, que o nome de Angelo Agostini seja dado a uma das ruas da nossa Capital. Não importa o seu nascimento em São Paulo, a cidade segundo Castro Alves, o sobrinho da mãe em Paulo e a espilha na lenda do Vesúvio e as capoeiras do amor. Ele foi um grande brasileiro, viveu na primeira linha, esteve entre os mais arrojados. Preparou uma das mais fulciantes papagens do nosso livro da redenção.

(O Brasil de 25-8-92)



O Imperador Pedro II, no meio do meio da guerra do Brasil (Revista Illustrada — 15-6-87)



O grande brasileiro, o grande brasileiro (Revista Illustrada — 5-5-1877)



Ante de Carlos, diretor do jornal da Corôa (Revista Illustrada — 10-12-1882)



Carlos Gomes, Abolista (Revista Illustrada — 24-7-1889)



Dr. Barbosa, do grupo a redenção (Revista Illustrada — 10-12-1882)



Carlos Augusto Martins no Senado (Revista Illustrada — 21-8-1880)



Dr. Barbosa, do grupo a redenção (Revista Illustrada — 10-12-1882)



Dr. Barbosa, do grupo a redenção (Revista Illustrada — 10-12-1882)



Dr. Barbosa, do grupo a redenção (Revista Illustrada — 10-12-1882)

**QUATRO JORNALIS-
TAS FAMOSOS, NO LA-
PIS DE ANGELO
AGOSTINI**



Angelo Agostini, intérprete dos quadros do Salão de 1884



A mãe de Jacob, de Rodolfo Amado — "A mãe de Jacob estende a mão e vendo que não chora, deixa seu filho partir"



Pedro Amerigo — Almoço árabe, "Que olhos e que gula! Também para engulir minha perda..."



Wingermer — Cabeça de estado. "Se continuar a estudar, será mesmo um bom artista"



O guarani morto, de Victor Meirelles. O guarani morto deste quadro obriga-nos à seguinte crítica: Foi no começo da República que Victor Meirelles criou o pintor; e é de se esperar que o pintor Victor entretivesse, como ele próprio o confessou naquela ocasião, "Que a sua paleta lhe seja leve! Amém!" — Nota: os clichês desta página encontram-se na "Revista Ilustrada" de 26-10-84.



Tomás Driendy — Retrato biográfico do dr. Ferreira Viana na atitude de quem medita sobre o To be or not to be. "Se se trata de perfeição, podemos garantir que ele é to be, isto é esplêndido como retrato e como quadro".

Notícia sobre Angelo Agostini

(Continuação da pág. 288)

nheu exatamente o período da nacionalidade em que se realizavam as nossas duas campanhas civis: a da Abolição e a da República. Em ambas, Angelo Agostini tomou parte sagrada.

A Revista Ilustrada deu o seu primeiro número em 1 de janeiro do ano acima citado. Tinha sua redação à rua da Assembleia n.º 44, e recebia assiduosamente na sua sede e na livraria Garçon. Tracia como símbolo um garotinho endiabrado, vestido carnavalescamente, às vezes portando uma corneta, outras vezes enfiando uma seta na boca. Em algum sujeito típicamente brasileiro, traço que se via amarrado a uma pena e uma lapisa; e circulando de cada garrafa, esse lapisa e essa pena, há-se muita finta, esta legítima. Rindo e castigando. Seu programa, segundo artigo de fundo inicial, era este: Falar a verdade, sempre a verdade, ainda que por isso não haja algum desta. Quem tomava o nome da Revista Ilustrada era, não facilmente, quem se assumia ao sempre castigo e a pena. Convém não esquecer, neste ponto, os combates de trabalho que ali teve a revista: João de Lemos e Carlos Magalhães, Luiz de Andrade, Gomes de Almeida Campos, Porto, Leite Ribeiro, Dias da Cruz, Eulália Filho, conforme e enumerando que, em seu artigo O lapso da Abolição, faz o próprio Eulália Filho, conforme a enumeração que vai na página 239. Convém não esquecer,

igualmente, outros jornalistas, que ali trabalharam, como Arthur Miranda, e notadamente como Pereira Neto, outro admirável desenhista, valente auxiliar de Agostini, na parte figurada da revista.

Desde então, a vida do artista passou a ser um combate sem tréguas. Dia a dia, como num cosmonoma vivo, ele não perdia um simples acontecimento; seu lapso prodigioso vai recolhendo coisas, fatos, homens. A valéria que cresce as páginas desta publicação, nos dois volumes e dois anos de vida, é verdadeiramente asombrosa. D. Pedro II, Cotegipe, Caxias, Lafayette, Zaccarias, Cesário Alvim, o conde d'Eu, Tanom, Pedro Luiz, Lopes Trovão, Daltro, Ribasco, Ray, Ferreira de Araujo, Jo. Martin Francisco, Patrocinio, Quintina, Alcindo Guanabara, Mauá, o General Osório... em ita coisa estará acentuado dos páginas incomparáveis?

De tal maneira chegou o as páginas da Revista Ilustrada de figuras e de fatos referentes a esta época, que nenhum artista que desse conhecer, em qualquer tempo, a vida brasileira na última metade do século passado, poderia deixar de recorrer a Angelo Agostini e a sua esplêndida publicação.

Crise! Filho critica, no artigo que aliás elucida e que vai transcrito neste Suplemento, algumas das paragens da campanha de Angelo Agostini em prol da libertação dos negros e especialmente aquela desenhada que ele mostrava um guerreiro do Paraguai, um bravo dos mais autênticos, um dos brazi-

leiros; que mais destemidamente combateram nas linhas da frente pela sua pátria; mostramos esse herói regressando da campanha; e, como era um negro, vem ainda encontrar a sua mãe e crava, presa no tronco, sofrendo o castigo, a injúria e a dor, que lhe eram impostos por um senhor cruél. De episódios destes, valorizados pelo lapso mais aqui e mais poético que lá tiveram e são cheios realmente, as páginas da Revista Ilustrada. E aqui mesmo, neste Suplemento, temos que apresentar alguma coisa de Agostini referente ao seu combate contra a escravidão, escolhemos uns desenhos que nos pareceram muito expressivos — da fuga dos negros para Santos, ameaçados por um delegado de S. Paulo de serem entregues aos senhores, de cujos olhos tinham fugido.

Agostini trabalhou esforçadamente pelo Brasil, pela evolução dos costumes e das idéias no Brasil. Aqui constituiu família, casando-se com uma senhora que pertencia à camada melhor de nos a nacionalidade. Tudo isso o identificava profundamente com o Brasil, e realmentes pessoas brasileiras de nascimento terão feito tanto por nós, pelo nosso povo e pela nossa terra, quanto ele o fez. Ele porque, em um banquete em sua honra realizado no mesmo ano da Abolição, Joaquim Nabuco e o Conselheiro Dantas lhe ofereceram, entre brados festivos de contentas de amigos, o título que lhe outorgava o próprio coração do Brasil — o de cidadão brasileiro.

Angelo Agostini faleceu nesta cidade, em 23 de Janeiro de 1919.



Jorge Grinta — Vista do Cavalão — "Qual cavalo nem capotinho! O que se vê é uma pitoresca entrada de chácara muito bem pintada e umas árvores serdas, muito bem verazes".

DUAS PÁGINAS DAS MAIS CARACTERÍSTICAS DE



J.M. foi visto, escutado, examinado e apalpado por varias notabilidades médicas, que o acharam quasi tão como um porco.



É a prova de que elles não se enganaram, é que J.M. continúa no seu systema de andar a galope por toda a paróia. Pobre conselheiro e pobres reporters!



Os médicos aconselharam a J.M. que tomasse duchas, afirmando que o uso das águas de Baden-bis o restabeleceria completamente. Ainda bem!



Nas horas vagas, deita poesia, empunha a lyra e qual trovador canta a patria ausente.



É indispensavel presentear as armas imperiaes, uma lyra. Um rei, poesia e coisa varia!



Esta mais que provado hoje que a verdadeira molestia que prostrou J.M. durante tantos meses, foi uma Cotegipile aguda.



Dessa mesma molestia soffre o país actualmente. O seu estado não é dos mais satisfactorios.



E se não lhe asudirem as tempo...

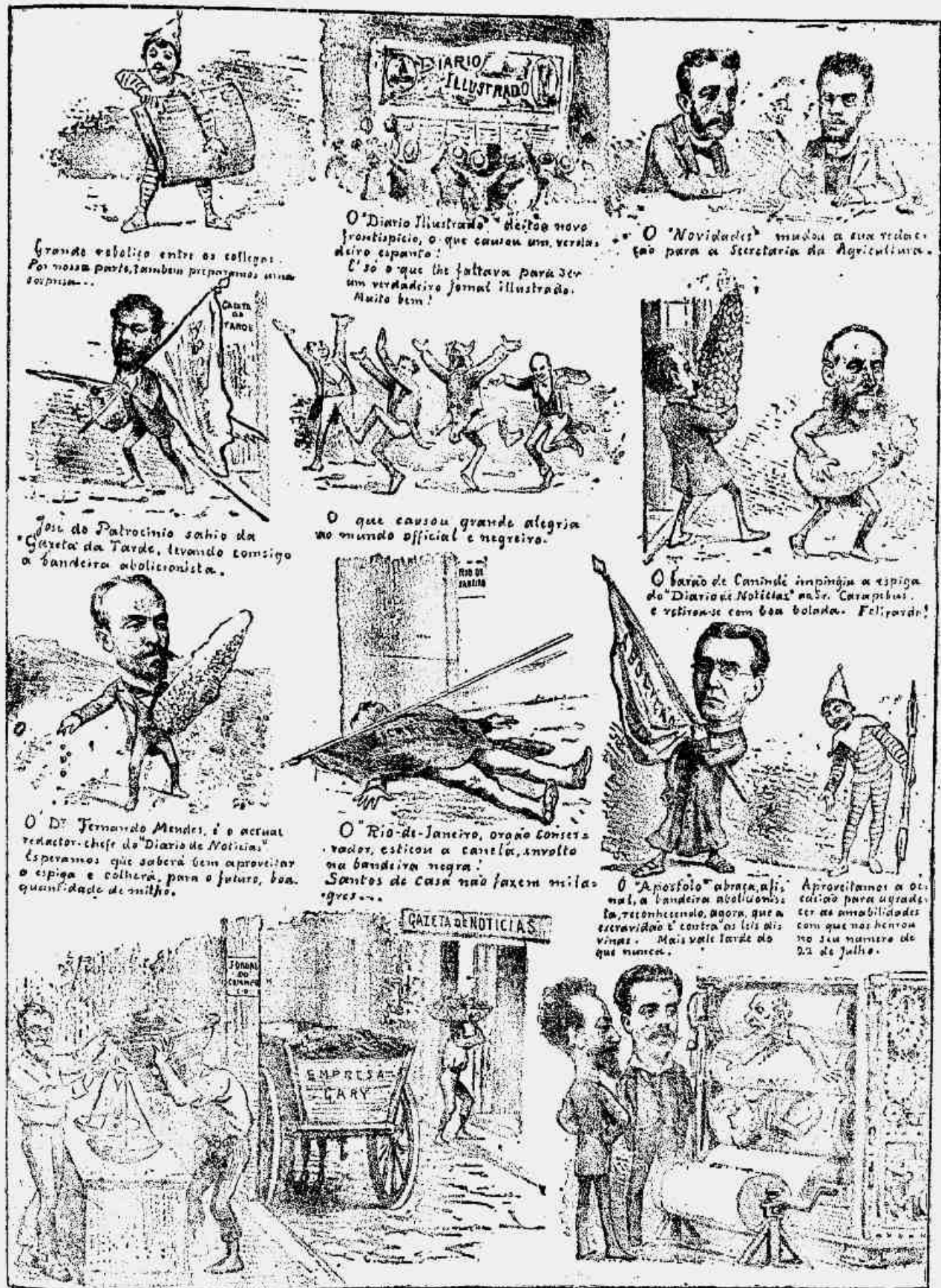


É rezar-lhe pela alma! Pobre país!!!



Uma página de Angelo Agostini... — Nesse mundo sem fim de desenhos e caricaturas, que é a coleção da Revista Ilustrada, existem páginas e mais páginas que são satiras cruéis contra os grandes homens da Monarquia. Tendo que escolher uma delas para dar ao leitor uma impressão do que foi, em conjunto, o desenho de A Retor da Revista Ilustrada optamos pela que aqui se encontra. Nela temos, numa sequência de dez desenhos, varias pitorescas attitudes de D. Pedro II: o Imperador sendo ao chamado pelos seus ministros; perdendo, correndo com um binóculo nos olhos, o Imperador tomando um banho de chuveiro, o Imperador tocando a sua desafiada lyra, o Imperador deitado, enfermo, com um lençol sobre a cabeça... Nela temos tambem Cotegipe, chefe do gabinete matando o Brasil, de cotegipile, com o seu salicua politico. Temos o Brazil morto e enterrado. E tudo isso, num bail, dado por S. M. Cotegipe I.º, a prova de que na opinião do chefe do gabinete imperial, tudo ao correndo no Brasil as mil maravilhas, no Brasil enterrado... (A gravura pertence ao menuiro da Revista Ilustrada de 26-8-1871).

ANGELO AGOSTINI, NA "REVISTA ILUSTRADA"



Outra página de conteúdo, que destinamos oferecer ao leitor, extraindo-a da deliciosa coleção da Revista Ilustrada, era alguma que discesse respeito aos homens de imprensa e aos leitores de livros. Há muito de dela, na revista de Angelo Agostini. Acabamos por escolher a que aqui apresentamos. Nela aparecem alguns dos principais jornalistas da época, daquele esplêndido ano de 1837, o puro apogeu da campanha abolicionista. Nela vemos a figura do garoto carnavalesco, que nos desenhos de Agostini personifica o Rio de Janeiro; vemos Aluísi Guimarães, diretor das Notícias, ao lado do ministro da Agricultura; vemos José do Patrocínio, sendo da Gazeta da Tarde e levando consigo a bandeira abolicionista; vemos Fernando Mendes, diretor do Diário de Notícias; e Luis de Castro, diretor do Jornal do Comércio; e Quintino Bocaiuva, diretor de O País, e outros mais. A página é reproduzida da Revista Ilustrada — 2-9-1887.

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE LUIZ DE ANDRADE José Magalhães

Reconhecido no dicionário, político, jora abolicionista, jora parlamentar.

Nessa tripla, acrescento em, jora mundial, dada a cunha latina da sua inteligência política e volumosa, sua eloquência tribunicia, sua pena mística, lírica e adocorada.

Nos reatões políticas, de a congeçada em apreço, tratando do unilateral de agora.

"O mestre pernambucano, que se põe em contacto com as grandes idéias, as causas patrióticas e os princípios constitucionais."

Durante a memorável campanha abolicionista, Luiz de Andrade, príncipe voluntário ao lado de Joaquim Nabuco, José Mariano, José do Patrocínio e muitos outros, adaptando as atitudes da ignominiosa instituição do café e dando o voto ao despotismo da escravidão, para que a liberdade não se a ser uma realidade, com a foi depois da dura lei de 13 de maio de 1888.

Defensor de propaganda republicana, Luiz de Andrade, foi figura que sempre se destacou, pelo seu ardoroso patriotismo, pela sua sequente postura, travando bravante de ideal e de brônca.

Sempre se impôs, segundo as palavras de Quintino Bocaiuva, Senna Jardim, Saldanha Maranhão e Martins Junior — os grandes emblemas, que a nossa história não apagará jamais.

Poeta, nas idéias, jora nas ações, Andrade, que os ideais fez o "banquet de nos pensamentos abolicionistas, na em 1891, representando o seu nome no Congresso da Constituição — o que houve de a fazer, na frase de Nello Campello: "Com desvanecimento, de parte dos pernambucanos".

E só dos pernambucanos? Certamente que não.

Pelas suas surtas oratórias, pela sua florida eloquência, poucos não foram os ouvidos, que lhe ouviram as palavras, além do subleito preceito à constitucionalidade dos apaisos de todos as bancadas, los, que sempre os versou com proveito e ardor.

Jornalista de pulso, a jor vários assuntos, desde o ameno do-lhe os dotes intelectuais e morais e empenhando-se por demonstrar que o filho da Pernambuco corria a escala por onde o telefoto se projecta e se limitava: jora poeta, literato, jornalista. Além do mais, jora sociológica à fenomenalidade

de nobres sentimentos as qualidades do mestre morto, exaltando-lhe os dotes intelectuais e morais e empenhando-se por demonstrar que o filho da Pernambuco corria a escala por onde o telefoto se projecta e se limitava: jora poeta, literato, jornalista. Além do mais, jora sociológica à fenomenalidade

O sr. Nello Campello, professor de direito, homem de letras e exímio educador, em discurso pronunciado na 115.ª sessão da Câmara, em 29 de setembro de 1912, na qualidade de deputado por Pernambuco, fez o panegírico de Luiz de Andrade, sob os apaisos de todas as bancadas. Disse em termos repassados de nobres sentimentos as qualidades do mestre morto, exaltando-lhe os dotes intelectuais e morais e empenhando-se por demonstrar que o filho da Pernambuco corria a escala por onde o telefoto se projecta e se limitava: jora poeta, literato, jornalista. Além do mais, jora sociológica à fenomenalidade

O sr. Nello Campello, professor de direito, homem de letras e exímio educador, em discurso pronunciado na 115.ª sessão da Câmara, em 29 de setembro de 1912, na qualidade de deputado por Pernambuco, fez o panegírico de Luiz de Andrade, sob os apaisos de todas as bancadas. Disse em termos repassados de nobres sentimentos as qualidades do mestre morto, exaltando-lhe os dotes intelectuais e morais e empenhando-se por demonstrar que o filho da Pernambuco corria a escala por onde o telefoto se projecta e se limitava: jora poeta, literato, jornalista. Além do mais, jora sociológica à fenomenalidade

O sr. Nello Campello, professor de direito, homem de letras e exímio educador, em discurso pronunciado na 115.ª sessão da Câmara, em 29 de setembro de 1912, na qualidade de deputado por Pernambuco, fez o panegírico de Luiz de Andrade, sob os apaisos de todas as bancadas. Disse em termos repassados de nobres sentimentos as qualidades do mestre morto, exaltando-lhe os dotes intelectuais e morais e empenhando-se por demonstrar que o filho da Pernambuco corria a escala por onde o telefoto se projecta e se limitava: jora poeta, literato, jornalista. Além do mais, jora sociológica à fenomenalidade

O sr. Nello Campello, professor de direito, homem de letras e exímio educador, em discurso pronunciado na 115.ª sessão da Câmara, em 29 de setembro de 1912, na qualidade de deputado por Pernambuco, fez o panegírico de Luiz de Andrade, sob os apaisos de todas as bancadas. Disse em termos repassados de nobres sentimentos as qualidades do mestre morto, exaltando-lhe os dotes intelectuais e morais e empenhando-se por demonstrar que o filho da Pernambuco corria a escala por onde o telefoto se projecta e se limitava: jora poeta, literato, jornalista. Além do mais, jora sociológica à fenomenalidade

O sr. Nello Campello, professor de direito, homem de letras e exímio educador, em discurso pronunciado na 115.ª sessão da Câmara, em 29 de setembro de 1912, na qualidade de deputado por Pernambuco, fez o panegírico de Luiz de Andrade, sob os apaisos de todas as bancadas. Disse em termos repassados de nobres sentimentos as qualidades do mestre morto, exaltando-lhe os dotes intelectuais e morais e empenhando-se por demonstrar que o filho da Pernambuco corria a escala por onde o telefoto se projecta e se limitava: jora poeta, literato, jornalista. Além do mais, jora sociológica à fenomenalidade

O sr. Nello Campello, professor de direito, homem de letras e exímio educador, em discurso pronunciado na 115.ª sessão da Câmara, em 29 de setembro de 1912, na qualidade de deputado por Pernambuco, fez o panegírico de Luiz de Andrade, sob os apaisos de todas as bancadas. Disse em termos repassados de nobres sentimentos as qualidades do mestre morto, exaltando-lhe os dotes intelectuais e morais e empenhando-se por demonstrar que o filho da Pernambuco corria a escala por onde o telefoto se projecta e se limitava: jora poeta, literato, jornalista. Além do mais, jora sociológica à fenomenalidade

O sr. Nello Campello, professor de direito, homem de letras e exímio educador, em discurso pronunciado na 115.ª sessão da Câmara, em 29 de setembro de 1912, na qualidade de deputado por Pernambuco, fez o panegírico de Luiz de Andrade, sob os apaisos de todas as bancadas. Disse em termos repassados de nobres sentimentos as qualidades do mestre morto, exaltando-lhe os dotes intelectuais e morais e empenhando-se por demonstrar que o filho da Pernambuco corria a escala por onde o telefoto se projecta e se limitava: jora poeta, literato, jornalista. Além do mais, jora sociológica à fenomenalidade

O sr. Nello Campello, professor de direito, homem de letras e exímio educador, em discurso pronunciado na 115.ª sessão da Câmara, em 29 de setembro de 1912, na qualidade de deputado por Pernambuco, fez o panegírico de Luiz de Andrade, sob os apaisos de todas as bancadas. Disse em termos repassados de nobres sentimentos as qualidades do mestre morto, exaltando-lhe os dotes intelectuais e morais e empenhando-se por demonstrar que o filho da Pernambuco corria a escala por onde o telefoto se projecta e se limitava: jora poeta, literato, jornalista. Além do mais, jora sociológica à fenomenalidade

O sr. Nello Campello, professor de direito, homem de letras e exímio educador, em discurso pronunciado na 115.ª sessão da Câmara, em 29 de setembro de 1912, na qualidade de deputado por Pernambuco, fez o panegírico de Luiz de Andrade, sob os apaisos de todas as bancadas. Disse em termos repassados de nobres sentimentos as qualidades do mestre morto, exaltando-lhe os dotes intelectuais e morais e empenhando-se por demonstrar que o filho da Pernambuco corria a escala por onde o telefoto se projecta e se limitava: jora poeta, literato, jornalista. Além do mais, jora sociológica à fenomenalidade

O sr. Nello Campello, professor de direito, homem de letras e exímio educador, em discurso pronunciado na 115.ª sessão da Câmara, em 29 de setembro de 1912, na qualidade de deputado por Pernambuco, fez o panegírico de Luiz de Andrade, sob os apaisos de todas as bancadas. Disse em termos repassados de nobres sentimentos as qualidades do mestre morto, exaltando-lhe os dotes intelectuais e morais e empenhando-se por demonstrar que o filho da Pernambuco corria a escala por onde o telefoto se projecta e se limitava: jora poeta, literato, jornalista. Além do mais, jora sociológica à fenomenalidade

O sr. Nello Campello, professor de direito, homem de letras e exímio educador, em discurso pronunciado na 115.ª sessão da Câmara, em 29 de setembro de 1912, na qualidade de deputado por Pernambuco, fez o panegírico de Luiz de Andrade, sob os apaisos de todas as bancadas. Disse em termos repassados de nobres sentimentos as qualidades do mestre morto, exaltando-lhe os dotes intelectuais e morais e empenhando-se por demonstrar que o filho da Pernambuco corria a escala por onde o telefoto se projecta e se limitava: jora poeta, literato, jornalista. Além do mais, jora sociológica à fenomenalidade

O sr. Nello Campello, professor de direito, homem de letras e exímio educador, em discurso pronunciado na 115.ª sessão da Câmara, em 29 de setembro de 1912, na qualidade de deputado por Pernambuco, fez o panegírico de Luiz de Andrade, sob os apaisos de todas as bancadas. Disse em termos repassados de nobres sentimentos as qualidades do mestre morto, exaltando-lhe os dotes intelectuais e morais e empenhando-se por demonstrar que o filho da Pernambuco corria a escala por onde o telefoto se projecta e se limitava: jora poeta, literato, jornalista. Além do mais, jora sociológica à fenomenalidade

O sr. Nello Campello, professor de direito, homem de letras e exímio educador, em discurso pronunciado na 115.ª sessão da Câmara, em 29 de setembro de 1912, na qualidade de deputado por Pernambuco, fez o panegírico de Luiz de Andrade, sob os apaisos de todas as bancadas. Disse em termos repassados de nobres sentimentos as qualidades do mestre morto, exaltando-lhe os dotes intelectuais e morais e empenhando-se por demonstrar que o filho da Pernambuco corria a escala por onde o telefoto se projecta e se limitava: jora poeta, literato, jornalista. Além do mais, jora sociológica à fenomenalidade

O sr. Nello Campello, professor de direito, homem de letras e exímio educador, em discurso pronunciado na 115.ª sessão da Câmara, em 29 de setembro de 1912, na qualidade de deputado por Pernambuco, fez o panegírico de Luiz de Andrade, sob os apaisos de todas as bancadas. Disse em termos repassados de nobres sentimentos as qualidades do mestre morto, exaltando-lhe os dotes intelectuais e morais e empenhando-se por demonstrar que o filho da Pernambuco corria a escala por onde o telefoto se projecta e se limitava: jora poeta, literato, jornalista. Além do mais, jora sociológica à fenomenalidade

O sr. Nello Campello, professor de direito, homem de letras e exímio educador, em discurso pronunciado na 115.ª sessão da Câmara, em 29 de setembro de 1912, na qualidade de deputado por Pernambuco, fez o panegírico de Luiz de Andrade, sob os apaisos de todas as bancadas. Disse em termos repassados de nobres sentimentos as qualidades do mestre morto, exaltando-lhe os dotes intelectuais e morais e empenhando-se por demonstrar que o filho da Pernambuco corria a escala por onde o telefoto se projecta e se limitava: jora poeta, literato, jornalista. Além do mais, jora sociológica à fenomenalidade

O sr. Nello Campello, professor de direito, homem de letras e exímio educador, em discurso pronunciado na 115.ª sessão da Câmara, em 29 de setembro de 1912, na qualidade de deputado por Pernambuco, fez o panegírico de Luiz de Andrade, sob os apaisos de todas as bancadas. Disse em termos repassados de nobres sentimentos as qualidades do mestre morto, exaltando-lhe os dotes intelectuais e morais e empenhando-se por demonstrar que o filho da Pernambuco corria a escala por onde o telefoto se projecta e se limitava: jora poeta, literato, jornalista. Além do mais, jora sociológica à fenomenalidade

O sr. Nello Campello, professor de direito, homem de letras e exímio educador, em discurso pronunciado na 115.ª sessão da Câmara, em 29 de setembro de 1912, na qualidade de deputado por Pernambuco, fez o panegírico de Luiz de Andrade, sob os apaisos de todas as bancadas. Disse em termos repassados de nobres sentimentos as qualidades do mestre morto, exaltando-lhe os dotes intelectuais e morais e empenhando-se por demonstrar que o filho da Pernambuco corria a escala por onde o telefoto se projecta e se limitava: jora poeta, literato, jornalista. Além do mais, jora sociológica à fenomenalidade

O sr. Nello Campello, professor de direito, homem de letras e exímio educador, em discurso pronunciado na 115.ª sessão da Câmara, em 29 de setembro de 1912, na qualidade de deputado por Pernambuco, fez o panegírico de Luiz de Andrade, sob os apaisos de todas as bancadas. Disse em termos repassados de nobres sentimentos as qualidades do mestre morto, exaltando-lhe os dotes intelectuais e morais e empenhando-se por demonstrar que o filho da Pernambuco corria a escala por onde o telefoto se projecta e se limitava: jora poeta, literato, jornalista. Além do mais, jora sociológica à fenomenalidade

O sr. Nello Campello, professor de direito, homem de letras e exímio educador, em discurso pronunciado na 115.ª sessão da Câmara, em 29 de setembro de 1912, na qualidade de deputado por Pernambuco, fez o panegírico de Luiz de Andrade, sob os apaisos de todas as bancadas. Disse em termos repassados de nobres sentimentos as qualidades do mestre morto, exaltando-lhe os dotes intelectuais e morais e empenhando-se por demonstrar que o filho da Pernambuco corria a escala por onde o telefoto se projecta e se limitava: jora poeta, literato, jornalista. Além do mais, jora sociológica à fenomenalidade

O sr. Nello Campello, professor de direito, homem de letras e exímio educador, em discurso pronunciado na 115.ª sessão da Câmara, em 29 de setembro de 1912, na qualidade de deputado por Pernambuco, fez o panegírico de Luiz de Andrade, sob os apaisos de todas as bancadas. Disse em termos repassados de nobres sentimentos as qualidades do mestre morto, exaltando-lhe os dotes intelectuais e morais e empenhando-se por demonstrar que o filho da Pernambuco corria a escala por onde o telefoto se projecta e se limitava: jora poeta, literato, jornalista. Além do mais, jora sociológica à fenomenalidade

O sr. Nello Campello, professor de direito, homem de letras e exímio educador, em discurso pronunciado na 115.ª sessão da Câmara, em 29 de setembro de 1912, na qualidade de deputado por Pernambuco, fez o panegírico de Luiz de Andrade, sob os apaisos de todas as bancadas. Disse em termos repassados de nobres sentimentos as qualidades do mestre morto, exaltando-lhe os dotes intelectuais e morais e empenhando-se por demonstrar que o filho da Pernambuco corria a escala por onde o telefoto se projecta e se limitava: jora poeta, literato, jornalista. Além do mais, jora sociológica à fenomenalidade

O sr. Nello Campello, professor de direito, homem de letras e exímio educador, em discurso pronunciado na 115.ª sessão da Câmara, em 29 de setembro de 1912, na qualidade de deputado por Pernambuco, fez o panegírico de Luiz de Andrade, sob os apaisos de todas as bancadas. Disse em termos repassados de nobres sentimentos as qualidades do mestre morto, exaltando-lhe os dotes intelectuais e morais e empenhando-se por demonstrar que o filho da Pernambuco corria a escala por onde o telefoto se projecta e se limitava: jora poeta, literato, jornalista. Além do mais, jora sociológica à fenomenalidade

O sr. Nello Campello, professor de direito, homem de letras e exímio educador, em discurso pronunciado na 115.ª sessão da Câmara, em 29 de setembro de 1912, na qualidade de deputado por Pernambuco, fez o panegírico de Luiz de Andrade, sob os apaisos de todas as bancadas. Disse em termos repassados de nobres sentimentos as qualidades do mestre morto, exaltando-lhe os dotes intelectuais e morais e empenhando-se por demonstrar que o filho da Pernambuco corria a escala por onde o telefoto se projecta e se limitava: jora poeta, literato, jornalista. Além do mais, jora sociológica à fenomenalidade



Luiz de Andrade (Julio Verim) quando deputado por Pernambuco, a Constituição Republicana, (Desenho de Angelo Agostini, n.º 23 da Pontoon da Revista Ilustrada).

Notícia sobre Luiz de Andrade

Luiz de Andrade — Jóllo Verim — nasceu no Recife, em 29 de novembro de 1849. (isto é o que diz S. Blake: Sebastião Galvão diz que foi a 3 do mesmo mês). Era filho de Joaquim Santos Andrade e Amélia Rodrigues de Andrade. Foi em criança para Portugal e ali fez o curso superior de letras, estudando também matemática e filosofia, em Coimbra. Não se formou, porém, em coisa alguma. Parcos que seu tempo de estudante era pouco para as coisas das letras, pois segundo a informação de Galvão, ele em Lisboa tivera um periódico humorístico, a Lanterna Mágica, com a colaboração de Guerra Junqueiro, Guilherme Aguiar e Bernaldo Pinaheiro.

Voltou ao Brasil e fixou residência no Rio. Iniciou suas colaborações nos jornais, como o Diário Popular, o Cruzeiro, a Revista Ilustrada, a Gazeta da Tarde. Duma última, durante uma viagem que em 1884 fez à Europa o diretor efetivo, foi Luiz de Andrade diretor interino. Em 1890 foi deputado à Constituinte Republicana. Em 1898 foi nomeado bibliotecário do Senado Federal. Faleceu no Rio, em 23 de setembro de 1912.

Segundo Sebastião Galvão ele é pouco acatado sempre as suas informações com o maior dos cuidados, pois não somente a sua revisão é minuciosa, mas também artigos por dentro uns dos outros, confundindo tudo de maneira atroz, mas ele mesmo parece que não tinha nenhuma recusa da afirmar as coi-

zas menos apuradas. Luiz de Andrade deixou vários trabalhos: um discurso de saudação a Saldanha Maranhão, um outro sobre política geral, uma conferência sobre a Igreja perante a história, uma outra sobre a educação nacional, uma outra sobre o espírito do século XIX; e bem assim um relatório com que abriu a sessão da 21.ª legislatura da Assembléa Provincial de Serpe, e um livro, Ensaio da tribuna popular, que era a reunião de suas melhores conferências. Blake dá ainda notícia das Caricaturas em prosa, dos Quadros de ontem e de hoje, das Discrepâncias literárias de Portugal e Brasil, das Considerações sobre a batalha de Avar, (série de artigos parodiados na Gazeta de Notícias em 1877; e dos Contos transparentes.

Luiz de Andrade foi durante longos anos companheiro de Angelo Agostini, na Revista Ilustrada. Sua colaboração ali é abundante chegando a parecer que toda a parte escrita da interessantíssima revista estava a sê-lo.

O arquivo que Luiz de Andrade deixou é rico em documentos literários preciosos, prendendo-se à Revista Ilustrada. Foi esse arquivo que o sr. Carlos de Andrade — filho de Luiz de Andrade — teve a gentileza de por à nossa disposição, para a realização deste número de AUTORES E LIVROS. A esse arquivo é que pertencem os vários documentos de tão grande valor que vão aqui publicados — as cartas autógrafas de Jun-

queiro, Raimundo Corrêa e Angelo Agostini, os retratos, em grupo, de Bilo, Cocinho Neto, Luiz Murat e Luiz de Andrade, etc.

Um grupo de republicanos



A 1.ª Bandeira republicana — Em pé da esquerda para a direita: Ignácio Von Doellinger, capitão da 1.ª Bandeira, dr. Ennio de Souza, Praxedes Gomes Medeiros, Luiz de Andrade, José de Souza Magalhães, — Sentados: — José do Patrocínio, André Rebouças, Angelo Agostini, João Clapp

...um impro!
"Revista Brasileira", de dezembro de 1941.

NO TEMPLO — Luiz de Andrade

Oh Cristo: oh sonhador da fronte macerada,
Eu choro ao ver-te assim nos braços dessa cruz,
E clamo em tua dor! Mas se entra a minha amada
Esquece-me, de todo, oh pálido Jesus!

Perdoa-me se vim ao templo silencioso,
Profundando os clarões das lâmpadas dormientes,
Viver na doce luz dum sonho esplendoroso,
Rabelde o lábio impuro às orações dos crentes.

Pois a se grande amor, que as almas incendia
E meu peito abraçou na lava dos vulcões,
Lançando aos braços meus a pérfida cadeia,
As preces me transforma em lânguidas canções.

E desde que brilhou a lúida alvorada,
e pude achar-te enfim, oh minha louca amante,
Sinto e ta alma vagar, perdida, incendiada,
No lábio julgar dum sonho deslumbrante.

Mas a dama gentil dos lânguidos amores,
Essa mulher pagá nas formas voluptuosas,
Nem divaga ao luar colhendo eúrneas flores,
Nem se mostra ao balcão em noites silenciosas.

Tem um doce viver, modesto e recatado,
Num ermo silencioso a cândida donzela,
Em vão de noite ergui o canto soluçando
Aos videntes festões da ténita janela.

Se nunca a pude achar em populosas festas
Se nunca a pude ver em floridos jardins!
Em vão a procurei nas solidões modestas,
E percorri do vai os murmúros confinados.

Um domingo, porém, buscando solitário
A paz das orações em minha vida escura,
Eu pude ver, oh Cristo, A luz do teu santuário
A cândida mulher, a pálida figura.

Hoje vivo feliz, e à minha doce amada
Ja tenho surpreendido o casto olhar a medo,
E a velha catedral, hercúlea, sombreada,
Sabe do nosso amor... e guarda-me segredo.

Na missa da manhã seu rosto ideal contemplo
No mórbido langor dos emalados cílios
E quando a vejo assim, à branda luz do templo,
De lumbro-me a sonhar incógnitos idílios.

Oh Cristo, oh sonhador da fronte macerada,
Eu choro ao ver-te assim nos braços dessa cruz,
Orando aos céus por nós! mas se entra a minha
amada
Esquece-me de todo, oh pálido Jesus!

("República das Letras" — 1879)

DOIS SONETOS DE LUIZ DE ANDRADE

PRANTO DE MULHER

Lá nevões climas onde, em noites silenciosas,
a turba solene em trêmulos decantos,
e a lua vem beijar a longa seiva ondulante,
e peneira sutil nos rálceos das rosas!

Lá onde a terra é mãe das árvores grandiosas,
que baldeiam no céu a coma murmurante,
simplote qual tu és, oh doce amor,
a mais bela e cruel das vírgens caprichosas.

Es sei, porém, bem sei! No teu olhar sereno
hei bebido febril o néctar venenoso,
que me roubou a paz dos sonhos meus tranquilos.

Mas, vai quebrar-se enfim o misterioso encanto!
Conheço-te, mulher! que velo no teu pranto
o choro enganador dos verdes crocodilos!
("A Folha" — "Microcosmo Literário" — Coimbra)

A CONFISSÃO

A uma velha catedral escura
de muros pedrados fui levar-me um dia.
Entre as sombras da Igreja respiciei
a rubra face do almeido cura.

Cai-lhe aos pés, contel-lhe a vida impura,
o estado de objeção em que eu vivia
com a linda mulher, que estremeceu,
como a conforto mais amada e pura.

— "Causa-me assombro esse viver horrendo!"
bradou e foi-se no longo dos arcadas,
talvez de santa indignação tremendo.

Passel lúgubres noites agitada!
Crucia remorsos!... Mas cruel-me vendo
o tal Sardanapalo entre as criadas.

("A Folha" — "Microcosmo Literário" — Coimbra)

UMAS NOTAS DO "COMÉRCIO DO PORTO", SOBRE LUIZ DE AN- DRADE

"Correspondência do Rio de Janeiro"

São interessantíssimas as informações que na carta publicada em outro lugar desta folha nos fornece o nosso ilustre correspondente no Rio de Janeiro com respeito às medidas adotadas contra a febre amarela naquela capital e especialmente à grandiosa empresa de abastecimento de águas realizada pelo dr. Paulo Frontin no curto prazo de seis dias!

Já que falamos do modo brilhante como o nosso estimado correspondente se refere a tão importante assunto, aproveitamos o ensejo de revelar o nome do cavalheiro que tanto honra o "Comércio do Porto" com os seus escritos.

É o distinto jornalista dr. Luiz de Andrade, que, juntamente com o conselheiro Ruy

(Continua na pág. seguinte)



Um documento valioso, pertencente ao arquivo de Luiz de Andrade. — Da direita para a esquerda: Olavo Bilac, Luiz de Andrade, Coelho Neto e Luiz Murat (este último deixou de assinar a fotografia).

DOENÇA COMPLICADA — Luiz de Andrade

No tempo em que as irmãs da caridade
eram formosas damas
que abrigavam no seio as doces flamas
do amor da humanidade,
quis a corte que um dia,
em terrível duelo.

Arthur, um lovelace amante e belo,
caisse mal ferido à terra fria.

Grande atribulação,
prantos, soluços, horrído alvorço
no seio da família,
que cheia de aflição
em torno ao leito do ferido moço
passava as noites em cruel vigília.

Quis a sorte potente
que o tal golpe profundo
não fosse dos que veem
roubar-nos às delícias deste mundo.

Aos cuidados de um médico eminente,
melhorava o doente;
e, para haver maior solteirade,
buscaram sem tardar
uma piedosa irmã de caridade,
cheia de força e cheia de saúde,
que o viesse tratar;
e aconteceu que fosse
uma dama na flor da mocidade,
de olhar sereno e doce.

No carinhoso rosto
brando, moreno, a sensual viveza
toldava-a uma nuvem de desgosto,
uma doce tristeza.
Do seio encantado,
na curva immaculada,
que divina primor!
Assim, de madrugada,
as ondas voluptuosas
palpitam pelas praias areosas.

Olhá-la era sentir o coração
abrir-se alegremente
em cândida expansão,
como purpúrea flor ao sol nascente.
Era voar às regiões secretas,

aos páramos risinhos,
onde as lânguidas a mas dos poetas
vão passeando os amorosos sonhos.

A luz dos brandos olhos setinosos
o moço melhorava;
o bom doutor louvava os poderosos
remédios que ao doente receitava;
e o moço prometia
breve ter cura ao mal que o torturava.
Sorrindo agradeceu
à cândida enfermeira,
desveada e louça,
que o consolava em sua dôr primetira,
como se fosse a mais querida irmã.

Iam as coisas nisto
quando, caso imprevisto,
começou o doente a piorar.

Vem o doutor à pressa,
corre sem mais tardar;
toma-lhe o pulso, apa-pa-lhe a cabeça,
examina-o com pausa,
e faz mil conjecturas exquisitas,
que passam a distâncias infinitas
da verdadeira causa.

A mãe do moço, em tristes aflições,
faz intensas orações valiosas,
aos santos de maiores devoções
e as santas milagrosas.
Promete a Santo António
velos de cera, a esmua,
mas nota que é o mesmo
que prometê-las ao cruel demônio.

E o moço a piorar;
e a angustiada gente,
sem o poder salvar,
chora constantemente.

E a gentil enfermeira,
no seu fervor sem termo,
não deixa um só instante a cabedra
do moribundo enfermo.

O médico consulta
os livros da ciência,
e perde enfim de todo a paciência;
livros e mestres sem respeito insulsa.
Dá ao diabo os manes do Galeno
e tomado de fúria insana e brava
manda sem mais nem menos
Hipócrates à fava.

Estavam nisto. O doente tinha horas
em que se apresentava
com sensíveis melhoras.
O médico cismava
em mil complicações, coisas estranhas;
mas o que é mais que certo
é que andava às aranhas.
Consultava o doente bem de porte
e via com horror a doença física
ir descendo na incurável lista.

Mas eis que um belo dia,
a certa hora não acostumada,
o médico subia,
pé ante pé, a solitária escada.
E qual velha raposa experiente,
tomado de suspeita pouco honesta,
antes de entrar no quarto do doente,
lança os olhos à fresta
que se abria na porta mal fechada.
Como um velho amador
contempla uma obra de arte inesperada,
um quadro de valor,
tal o médico ansioso e pensativo
crava o seu longo olhar
num belo quadro vivo,
que o meu lápis não ousa boquejar.

E logo ao outro dia
a irritada família despedia
a gentil enfermeira.
Em seu lugar uma matrona idosa,
gorda, pesada, fiácula, oitosa,
do pobre moço à beira,
contava histórias de morrer de tédio.
O caso é que o doutor,
sabendo os lances a que obriga o amor,
vira a doença e dera-lhe o remédio.

("O Cômico" — 1375)

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA

MURILO MENDES

Murilo Monteiro Mendes nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais, em 1902. É filho de Onofre Mendes e D. Elisa Monteiro Mendes.

Foi os seus estudos naquela cidade, na Academia do Verbo Divino, e depois em Niterói, no Colégio Santa Rosa.

Trabalhou na antiga diretoria do Patrimônio Nacional e no Banco Mercantil do Rio de Janeiro. E, desde alguns anos, Inspeção Federal do Ensino Secundário, nesta capital.

Em 1934 converteu-se ao Catolicismo.

Algumas fontes de informação sobre Murilo Mendes

- Agripino Grieco — *Evolução da Poesia Brasileira*.
- Andrade Murici — *A nova Literatura Brasileira*.
- Aníbal Machado — in *Boletim de Ariel*.
- João Ribeiro — *Poemas (Jornal do Brasil, 17-4-1931)*.
- História do Brasil — (Jornal do Brasil — 8-6-1933).
- Jorge de Lima — *A Poesia e a Mística*.
- José Otávio de Freitas Junior — *Ensaios de Crítica e Poesia*.
- Manuel Anselmo — *Caminhos e Ansiedades da Poesia Portuguesa Contemporânea*.
- Também em *Família Literária luso-brasileira*.
- Manuel Bandeira — *Anuário de Literatura Brasileira* — 1939.
- Mario de Andrade — *Revista Nova*, de São Paulo — 1931.
- Mario Leão — *Roteiro de duas Gerações — AUTORES E LIVROS* — 21-3-1943.
- Pedro Dantas (Prudente de Moraes Neto) — *Sobre Poemas — A Ordem* — Junho 1931.
- Tristão de Albyde — *Estudos*.
- Vinícius de Moraes — *LA Moderna Poesia Brasileira* — Sur (de Buenos Aires) — 1941.

lolicismo, talvez por influxo do seu grande amigo Ismael Nery, falecido naquele ano.

Murilo Mendes tem colaborado, frequentemente, em revistas e jornais do Rio e de várias cidades brasileiras. Entre os jornais cariocas que tem recebido sua colaboração, contam-se AUTORES E LIVROS, A Ordem e Lanterna Verde.

Bibliografia de Murilo Mendes

Murilo Mendes tem publicado os seguintes livros: POEMAS (1925-1929) — 86 páginas — Estabelecimento Gráfico Dias Cardoso — Juiz de Fora — 1930.

HISTÓRIA DO BRASIL — 157 páginas — Ariel, Editora Ltda. — Rio de Janeiro (a. d.) — 1932.

TEMPO E ETERNIDADE — Em colaboração com Jorge de Lima — 125 páginas — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre — 1935.

A POESIA EM PÂNICO — 1936-1937. — Capa de Murilo Mendes e Jorge de Lima (fotomontagem), com letrados de Santa Rosa. — 103 páginas — Cooperativa Cultural Guanabara — Rio de Janeiro — 1938.

O VISIONÁRIO — Poemas — 1930-1933 — Este livro foi escrito de 1930 a 1933. — Da edição foram tirados cem exemplares em papel Vergé para os subscritores — 140 páginas — Livraria José Olimpo — Rio — 1941.

Tem inéditos, prontos para o prelo, os seguintes livros de poemas:

- OS QUATRO ELEMENTOS — (1935).
- PARABOLA — (1936).
- AS METAMORFOSES — (1938).
- O VEU DO TEMPO — (1941).
- MUNDO ENIGMA — (1942).
- DEBORDENS — (1931-1941).



MURILO MENDES, POR C. FORTINARI

O HOMEM, A LUTA E A ETERNIDADE

Adirinho nas planas da consciência
dos braços lutando com esferas e pensamentos
mundos de planetas em fogo
vertigem
desequilíbrio de forças,
matéria em convulsão ardendo pra se definir.
O alma que não conhece todas as suas possibilidades.

O mundo ainda é pequeno para te encher.
Acorda os raios que estão dormindo.
A guerra! Olha os arcanjos se esfacelando!

Um dia a morte devolverá meu corpo,
minha cabeça devolverá meus pensamentos, ruína
meus olhos verão a luz da perfeição
e não haverá mais tempo.
(Poemas)

OS DOIS LADOS

Deste lado tem meu corpo
tem o sonho
tem a minha namorada na janela
tem as ruas girando de luzes e movimentos
tem meu amor tão lento
tem meu anjo da guarda
que às vezes se esquece de me guardar
tem o mundo batendo na minha memória
tem o camélio pro trabalho.

Do outro lado tem outras vidas vivendo da minha vida
tem pensamentos sérios; me esperando na sala de visitas
tem a minha noiva definitiva me esperando com flores na mão
tem a morte, as colunas da ordem e da desordem.
(“Poemas”)

A LUTA

(Cantos virginalis do mundo
planos de inocência
ânsias de amor puro).

A vida estrangulou os meus cantos de inocência
sou da noite, da asombração
e dos ritmos desesperados!
Tardes calmas, vida lângua da nas varandas cariocas
olhando o mar, nunca mais.

Nunca mais vibrarão cantos de noivas nos meus
[terraços,
nem vestidos dependurados lembrando a forma da
[colcha amada,
nem eu dançarei.
Nem olharei pras rosas, nem me banharei na luz
[das madrugadas...
Sou a luta entre um homem acabado
e um outro que está andando no ar.
(“Poemas”)

SAUDAÇÃO A ISMAEL NERY

Acena dos cubos verdes e das esferas azues
um anjo magnético sopra o espírito da vida.
Depois de fixar os contornos dos corpos
transpõe a região que nasceu sob o signo do amor
e reúne no regaço cheiroso as partes desconhecidas
[do mundo,
apelo dos ritmos movendo as figuras humanas,
solicitação das matérias do sonho, espírito que
[nunca descansa.

O anjo pensa desligado do tempo,
as formas futuras dormem nos olhos dele.
Recebe diretamente do Espírito
a visão estantânea das coisas, o vertigem!
penetra o sentido das idéias, das cores, a verdade
[da criação,
olhos do mundo,
zona livre de corrupção, música que não pára nunca,
transparência.
(“Poemas”)

SALMO

Eu Te proclamo grande, admirável,
Não porque fizeste o sol para servir o dia
E as estrelas para servirem a noite;
Não porque fizeste a terra e tudo que se contém
[nela,
Os frutos do campo, as flores, os cinemas, as locos-
[motivas;
Seus animais, suas plantas, seus submarinos, suas
[serelas;
Eu Te proclamo grande e admirável eternamente
Porque Te fazes, pequenino na Eucaristia,
Tão pequenino que eu, fraco e miserando, posso Te
[contar!...
(Tempo e Eternidade”)

MINHA MUSA

Está sózinha desde o princípio
Foste imaginada na época da formação das pedras.

Um formidável temporal lavou a terra antes que
[nascesse a
E muitas estrelas de perfil se inclinaram sobre tua
[bela.

Atravesas desertos de areia e mares vermelhos
Sem que rujas teu corpo,
Sem que ninguém penetre tua essência,
Os poetas te sacrificam suas sanadas retrospeti-
[vas, atuais e futuras
Tua cabeça triste e serena recortada eternamente
[num céu de convulsões desencadeia os mitos.
Distribues ao mesmo tempo o consolo e o desespero.
Aos olhos dos homens és acima do sexo como uma
[deusa.

Aos olhos das mulheres és masculino como um guerre-
[iro.
Anulas os movimentos de quem chega a admirar
[teus encontros.
E não te perturbas nem ao menos diante de tua
[“Tempo e Eternidade”)

VOCACÃO DO POETA

Não nasci no começo deste século.
Nasci no zelo do Eterno.
Nasci de mil vidas superpostas.
Nasci de mil angústias desdobradas.

Vim para conhecer o mal e o bem
E para separar o mal do bem.
Vim para amar e ser desamado.
Vim para desprezar os grandes e consolar os pe-
[quenos.

Não vim para construir minha própria riqueza
Nem para destruir a riqueza dos outros.
Vim para reprimir o choro formidável
Que gerações anteriores transmitiram ao meu ser.
Vim para experimentar dividas e contradições.
Vim para sofrer as influências do tempo
E para afirmar o princípio eterno de onde vim.
Vim para atirar uma pedra em Mamon.
Vim para distribuir inspiração às musas.
Vim para garantir que a voz dos homens
Abafará a voz das sirenas das máquinas.
E que as palavras, substâncias de Jesus Cristo
Dominarão as palavras do capitalista e do operário
Vim para conhecer Deus meu Criador, posso a
[contar!
(Poemas)

Pois se O visse de repente, sem prepara, ficaria
[tegal
(“Tempo e Eternidade”)

CONTEMPORANEA -- 1.ª Série - Antologia da Poesia - IX - MURILO MENDES

CALENDÁRIO DO POETA

O Amigo e a Musa
Sucedem-se alternativamente no meu espírito
Assim como o dia e a noite para outros.
E sobre os três, o sol que não se delia,
O sol de Jesus Cristo, meu Poeta e meu Deus,
Ilumina sem perspectiva
Nossas almas criadas para a eternidade.

("Tempo e Eternidade")

ECCLESIA

Berenice, Berenice!
Uma grande mulher se apresentou a mim
E te faz sombra.
Ela exige de mim o que tu, insaciável, podes me
pedir.

Ela quer a minha entrega total
E me oferece viver em corpo e alma
A Incarnação, a Paixão, a Redenção, o Sacrifício
e a Vitória.
Desce para diante de mim o mistério do mundo,
Quando que em tomo parte nele contra mim
mesmo...

Berenice! Berenice! tua rival me chama,
Alma-me pios olhos, pelos ouvidos, pelo tato,
[peço] paladar e pelo olfato,
Desacordando diante de mim a branca toalha da
comunhão.

Eu sou aguçado
Isaque não me permite, Berenice, comarcar no
[seu] corpo e no teu sangue!
("A poesia em pânico")

COMEÇO

Vida vasta não me sucedia na manhã pura.
Tive eu nasce nesse momento,
Enquanto vinha matando desde a criação do mundo,
Eu que trago fortíssima comigo
O pecado dos noivos primeiros pais.

O tempo
que se de fazer no vestido da grande noiva
branca,
E finalmente desfrizado, o estrangeiro da vida
para pela primeira vez no universo familiar.
("A poesia em pânico")

O BRASILEIRO D. PEDRO II

ou

NO BRASIL NÃO HA PRESSA

Uma vasta semelhança
Tocava toda a latência.
Sucedem-se os ministérios,
As patibundas e os senhores
Pro povo se divertem
A corte faz piquenique
Ou organiza quinquês
Nos ballrooms reais.
A Inglaterra intertem
No mercado das Ilhas,
Todos acham muito bom.
Houve estranhos tonos-ismos...
O Imperador, de 1.ª linha,
Lá o Larousse na rede.
O fato é que com esta calma
Cinquenta anos se aguentou

("História do Brasil")

SONETO DO DIA 15

Soneto, tem gente,
Mas já se agora mesmo.
Parece que não tenho nome?
Eu tenho sangue, mas frio.

Cedo o Império brasileiro
Ao dito às circunstâncias.
É leve daqui a cidade,
Juiza agnardo de Deus.

Pensão não quero, obrigado.
Tristeza tem de minha moleza.
Estou fazendo um soneto:

O papel está acabando,
[Fico] no último verso,
Eu não cede o meu lugar.
("História do Brasil")

REZA

Formas brancas de arcação, que se movem
na poesia das ordenanças dentro de mim,
fala o mim!

A terra está cheia de mulheres tão bonitas
guarrendo as ruínas, as casas, os cemitérios,
mulheres: fadas guardando as ruínas e os astros,
Pneumatos escondidos lá onde quase acaba a
membrança

anem os luminosos que o homem fica parado
e quer de tratar da salvação da alma,
A terra está cheia de pobres necessários no ritmo
[divino],

eterna de amor que chega pra todos os homens.
As linhas contínuas tocam a manivela nas entrañas
[do] mundo

e o homem clássico de asombração, de músicas, do
futuro,
falta as máquinas, que desviam ele dos pensa-
mentos primários.

Nem a largura nem o comprimento nem a espessura
[nem] o tempo
não me impediram de me agarrar num gancho do
[teu] corpo
porque grandes mãos brancas mexendo dentro de
[mim] e fora de mim
me dão de vez em quando o desfalecimento único,
principalmente aquele que vem lá de longe,
que despenca do Cruzeiro do Sul
enorme chelo: o sobre-olho.
[Dante Milano — "Antologia de Poesias Modernas"]

JANDIRA

O mundo começava nos seios de Jandira.

Depois surgiram outras peças da Criação:
Surgiram os cabelos para cobrir o corpo,
As hélies dos braços para cortar o ar
[As] vezes o braço esquecido desaparecia no caos,
Mecava somente o braço direito).
E surgiram os olhos para vigiar o resto do corpo.
E surgiram cerebros da garganta de Jandira;
O ar intermédio ficou eterno de sons
Mais palpáveis do que aves.
E as antenas das mãos de Jandira
Captavam os objetos animados, inanimados,
Dominavam as ruínas, os peixes, as máquinas.
E os mortos guardavam nos caminhos visíveis do ar
Quando Jandira praticava a cabeleira...

Depois o mundo desvendeu-se completamente.
Foi-se levantando, armado de anúncios luminosos.
E Jandira apareceu inteligência,
Da cabeça aos pés.
Todas as partes do maquinismo tinham importância.

E Jandira apareceu com o cortejo de seu pai,
De sua mãe, de seus irmãos.
Eles e que obedeciam aos sinais de Jandira
Crescendo na vida em graça, beleza, violência.
Os namorados passavam, cheiravam os seios de
Jandira

E eram precipitados nas delícias do Inferno.
Eles jogavam por causa de Jandira,
Deixavam noivas, esposas, mães, irmãs
Por causa de Jandira.
E Jandira não tinha pedido coisa alguma.
E vieram retratos no jornal por causa de Jandira.
E apareceram cadáveres botando por causa de Jan-
[dira].

Certos namorados viram e morriam
Por causa de um detalhe de Jandira.
Um deles suicidou-se por causa da boca de Jandira.
Outro, por causa de uma pinta na face esquerda de
[Jandira].

E os cabelos de Jandira
Cresciam furiosamente com a força das máquinas;
Não caía nem um fio
Nem ela os aparava.
E a boca de Jandira era um disco vermelho
Tal qual um sol mim.
Em roda de cheiro de Jandira
A família andava tanta.
As visitas trocavam nas conversações
Por causa de Jandira.
E um padre na missa
Esqueceu de fazer o sinal da cruz por causa de
[Jandira]

E Jandira se casou.
E o corpo de Jandira inaugurou uma vida nova.
Apareceram ritmos que estavam de reserva,
Combinações de movimentos entre as ancas e os
[seios].

A sombra do corpo de Jandira
Nasceram quatro mezinhas que repetem
As formas e os seios de Jandira desde o princípio
[do] tempo.

E o marido de Jandira
Moreu na epidemia de gripe espanhola.
E Jandira cobriu a sepultura com os cabelos dela.
Desde o terceiro dia o marido de Jandira
Faz um grande esforço para ressuscitar:
Não se conforma, no quarto escuro onde está,
Que Jandira viva sozinha.
Que os seios, a cabeleira dela transformem a cidade
E que ele flite ali, atoa.

E as filhas de Jandira
Inda parecem mais velhas do que ela.
E Jandira não morre.
Espera que os clarins do juízo final
Venham chamar seu corpo,
Mas eles não vem.
E mesmo que venham
O corpo de Jandira
Ressuscitara ainda maior, mas agil e transparente!

("Visionário")

DUAS IRMÃS

Uma mulher conta de noite
A sua irmãzinha menor
A história de seus amores.
Conta o último amorado.
Descreve o físico dele
Nos seus mínimos detalhes.
Depois narra com ternura
O que se passa entre os dois.
A outra escuta cismando.
Não dormiu a noite inteira
Até a amizade entre as duas
Dal por diante cresça.

("Visionário")

FORMAÇÃO

A luz nasce nos olhos de Eva.
A noite nasce nos cabelos de Eva.
Meus pais nasceram no ventre de Eva.
Eu nasci no ventre de Eva.
Minha amada nasce no ventre de Eva.
[Visionário]

MULHER EM TRÊS TEMPOS

Minha boca está no presente.
O meu olhar no passado,
Meu ventre está no futuro.
Minha boca toda a noite
Está na boca amorosa
Do meu marido atual.
Meu olhar está no olho
Do meu namorado antigo.
Meu ventre está no futuro
Do corpinho do meu filho.

("Visionário")

MORAL DO TATO

"A mão do meu namorado
Segura nos meus quadris.
Tem a forma parecida
com uma outra que já vi.
Parece com a mão de meu pai;
Essa mão há tantos anos
Faz parte da minha vida.
— Desde sete anos me lembro
Dos carinhos dessa mão —
Que sei toda ela de cor".

("Visionário")

DILATAÇÃO DA POESIA

Nas formosas da filha o pai
Vê sua mulher ressurgir
No vício da modéstia.
Inda há pouco ele subia
Uma escada com sua filha,
Pareceu-lhe que levava
Sua mulher pela mão.
Comovido, para o altar.

("Visionário")

SOLIDARIEDADE

Sou ligado pela herança do espírito e do sangue
Aos mártires, aos assassinos, aos anarquistas,
Sou ligado
Aos casais na terra e no ar,
Ao vendedor da espumosa,
Ao padre, ao mercador, a prostituta,
Ao mecânico, ao poeta, ao soldado,
Ao santo no auge.
Faltos à minha imagem e semelhança.

("Visionário")

PRÉ-HISTÓRIA

Mamãe vestida de repêns
Tocava piano no caos.
Uma noite abriu as suas
Cansadas de tanto som,
Equilibrava-se no azul.
De tanta não mais olhou
Para mim, para ninguém!
Cai no álbum de retratos.

("Visionário")

WOLFGANG AMADEU MOZART

Sentado à sombra do teu monumento aéreo
Venho conversar contigo, ó Wolfgang Amadeu!

A noite enrola as montanhas de Salzburg.
As espadas dos ditadores confabulam nas trevas.
Recolhem as flautas, os címbalos, os violinos
E barram o horizonte com os tanks, os canhões, os
[paraquedas].

Destroem a caixa de música
Que alimentou nossa infância
Põem abaixo os teatros de marionetes
E erguem gigantes de chumbo...

O Wolfgang Amadeu, conspira contra o ritmo
Constrói as falsas pátrias e mutila a unidade.

O coração do universo
Estala, não pode mais.
O peso do Minotauro
Esmaga a asa da música.
Sufocam a dança da manhã primeira da criação.
Sufocam a liberdade de dançar e de errar
Fascinado pelo teu cristal.
Que permanece ativo e simples acima do massacre,
Venho te confessar minha fidelidade
Enquanto os raios dos ditadores desabam sobre a
[Europa].

E de ti que o mundo preceia
O dominador do elemento e dos instintos,
Aclma das baladas e dos tango, dos tango,
Canta, pura chama, dança, Wolfgang Amadeu,
Para que o homem r. torne no paraíso.
Teu canto é liberdade
Teu nome é vitória...

Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 1941.
No 150.º aniversário da morte de Mozart.

("Autores e Livros", V. 1.º)

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA

CONTEMPORÂNEA -- 1.ª Série - Antologia da Poesia - IX -

MURILO MENDES

ARMILAVDA

Armilavda, é doce Armilavda,
Lembras-te do tempo em que descobrimos o uni-
Lembras-te do tempo em que se descrevia a cor-
Linha das nuvens
Em que ficávamos na varanda à espera da lua,
Em que reuníamos a respiração diante do movi-
mento das ondas?
Em que folheávamos grandes livros de gravuras,
Em que nos debruçávamos sobre o mapa da terra,
Lembras-te quando te apontei um dia a Áustria,
A Itália com seus palácios monumentais,
A China da profundidade e do mistério?
Armilavda
Se que te lembras do tempo
Em que fomos para o campo assistir ao germinar
da semente

Corria, solta a cabeleira ao vento,
Três pernas eram fortes e polidas
E as lagartas azuis do teu vestido
Se confundiam com as borboletas do mar!
Sei que te lembras do jogo de bilboquê no quarto
fadrilhado,
Da noite em que surgiu de dentro daquele baile
de máscaras,
De nossas primas tocando piano a quatro mãos,
Das grandes chuvas de pedra e da surpresa do ar-
co-íris das nuvens,
Que te lembras de tudo... Das nossas respirações
sem suspensão
Das longas confidências no jardim de magnólias,
Do movimento das ondas, lá fora, despenhando a
praia...
Sei que colecionaste todas as imagens,
Que de vez em quando sobre-te às náuticas o cheiro
das magnólias
E que tentas reconstituir a era do entrelaçamento
de dois seres.

Armilavda, Armilavda
O tempo é o mesmo, germina nos campos a semen-
ta de outrora,
A tua chega esta noite entre rendas de nuvens,
As ondas lá fora despenham a praia,
Armilavda, Armilavda, o tempo é o mesmo...
Nos palácios monumentais da Índia,
Letem tropas de párias e soldados nús,
Na China da profundidade e o mistério,
Morrem crianças e velhos metralhados,
Consultamos tantos mapas, leramos tantos li-
vros...
Mas não sabemos lido a história de Abel e Cain.

"Autógrafa e Livros" de 26-4-1942.

AEROGRAMA

(Inédito)

Viver triste asfixiado
Uma estridência vermelha
Na tua boca de concha
Suspensa entre o céu e o mar.

Culher pássaros na mão
Soletrar as nuvens calmas
Esperando o ralo agir
No limiar do filho pródigo.

Largarei um dia os séculos
Que se acumulam no olhar
Até que a pedra suspire
Os segredos da atmosfera.

Sementes de planos crescem
Pra orções que sobem escadas
Ao poço que peixes azuis
Bebem no oceano do poeta.

("As Metamorfoses")

REMOVER NUENS

(Inédito)

Guardo de sonhos levantei a aurora
Advertindo os homens do trabalho inútil
Tangiam os anos do universo-igreja,
Convocando, desesperado, as avalanches
De pessoas, de bichos e de amores.

Vieram a mim os peixes das águas primitivas,
Vieram as enormes borboletas-fadas
Que enchiam de azul todo o abismo vasto,
Vieram as inspiradoras dos poetas de todos os
tempos.

Veto a dália gigante de mil braços,
Veto o Filho do Homem... pairando sobre as ondas.

Eu dialoguei com todos eles,
Apreendi a história de todos
E todos aprenderam minha história
Que levaram para o outro lado da terra,
Para os campos,
Para o fundo do mar e para o céu.

O mundo público.
Eu te conheço pela poesia pessoal.

("As Metamorfoses")

AEROPOEMA

(Inédito)

Eu me encontrei no fundo do horizonte
Onde as nuvens falavam
Onde os sonhos têm mãos e pés
E o mar e a luz do pólo, seretas

Eu me encontrei onde o real é fábula
Onde o sol recebe a luz da lua
Onde a música é pão de todo o dia
E as flores se aconselham com as crianças.

Onde o homem e a mulher são um
Onde espadas e granadas
Transformaram-se em charruas
E onde se fundem verbo e ação.

("As Metamorfoses")

O OBSERVADOR MARITIMO

(Inédito)

Em pé no monumento das nuvens
Registo os ritmos do horizonte
A submersão dos navios
Os maus tratos aos clandestinos
A angústia das galvoas e dos afogados
O suicídio da filha do faroleiro
O transporte das escravas brancas
O transporte das armas para o massacre dos co-
loniais

A fragmentação de Leviatã em mil pedaços
O frio a fome dos passageiros de terceira
O assassinio dos países indefesos
A continuação do alfabeto das conchas
E o inexplicável desaparecimento da sereta polaca.
("Os quatro elementos")

CARTA MARITIMA

(Inédito)

A galvoa-correio chega pontualmente
"Corre tudo em ordem na meu corpo"

Os peixes passam o pente fino nas ondas
Espera-se uma forte tempestade
O monumento de areia foi inaugurado
Com grande afluência de siris e conchas
As crianças soltaram um barco-papagaio
O farol rodou uma nova cor
Abeli uma fotografia linda
Do veleiro em que papai viajava.
("Os quatro elementos")

O POETA MARITIMO

(Inédito)

A noite vem de Bornéu
Clonide se enrola no astracan
A tempestade lava os ombros da pedra
O grande navio ancora nos peixes dourados
Um menino serve-se da história de Robinson
Alguém grita
Proclama uma outra vila um outro sonho
Um outro crime
Entre o amor e o álcool
Entre o amor e o mar.
Ouve-se distintamente
O respirar das hélices
O seu inventou o vento
A sereta enrola o mar com o rabo.
("Os quatro elementos")

ANONIMATO

(Inédito)

Uma mulher na varanda
Se debruça sobre o mar
Contempla as galvoas gêmeas
Espera uma carta de amor.

Brilha o cemitério aéreo
As nuvens jogam box.

Passam meninas cantando
Não sabem que sou poeta

E o amor que existe em mim.
("Os quatro elementos")

Fogo Fátuo

*Fogo fátuo que se desprende
Não apenas, dos cemitérios
Também dos ossos dos vivos*

*Fogo fátuo acepo pelos ditadores
Fogo fátuo errando pelo mundo
As lágrimas, dos viúvas e dos bífos
Um dia te apagarão*

Fogo fátuo dos vivos!

MuriiloMende

FOGO FATUO, "jaco-Mende" de um autógrafo de Muriilo Mendes (Inédito)